

## MORFOSSINTAXE

### O PREENCHIMENTO DA CASA DO SUJEITO NA LÍNGUA POMERANA DE SANTA MARIA DE JETIBÁ

*Larisse Cunha Cestaro* (UFES)  
[larissecestaro@yahoo.com.br](mailto:larissecestaro@yahoo.com.br)

#### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de verificar a tendência do preenchimento da casa do sujeito entre descendentes de pomeranos no município de Santa Maria de Jetibá. A necessidade da pesquisa surgiu a partir de estudos que mostram o menor uso dos sujeitos nulos e maior preenchimento e explicitação do sujeito.

Tomamos por base os conceitos da chamada Gramática Tradicional em relação ao sujeito nulo, que é definido como aquele que não vem explícito na oração e confirmamos que segundo a norma culta, permite essa supressão. Entretanto, a pesquisa é voltada para observar se no uso corrente da língua, no dia a dia, o uso do sujeito é maior ou não que a sua supressão.

Sendo assim, a pesquisa realizada procurou analisar os dados, buscando entre falantes descendentes de pomeranos a obtenção de resultados que comprovassem essa teoria. Através de observações e ocorrências a língua falada, procurou averiguar a frequência das ocorrências e analisar a flexão verbal na ausência do sujeito.

O trabalho teve base teórica em estudos da sociolinguística e nas variações linguísticas, já que a pesquisa é voltada para um grupo específico, levamos em conta fatores como idade, sexo e grau de escolaridade, para que pudesse ser feito um contraponto e obtermos resultados satisfatórios. A distinção entre fala e escrita também foi necessária, já que os materiais para análise foram basicamente discussões orais.

A realização deste trabalho implica uma série de curiosidades que desejamos compreender. Verificaremos mudanças que ocorrem dentro da língua portuguesa no seu uso corrente, observando suas ocorrências no dia a dia, além de contribuir para que possamos analisar a língua, não só a definindo segundo os padrões da Gramática

Tradicional, como também, no seu uso corrente, observando assim suas mudanças.

A pesquisa considera os fatores imigratórios, dando ênfase ao município de Santa Maria de Jetibá, o local da análise dos dados obtidos. A “Prescrição gramatical e uso” que é uma tentativa de compreensão de conceitos ligados à gramática, o uso da língua e suas variações e às noções e conceituações da Gramática Tradicional e as observações e estudos de novas concepções a respeito do sujeito nulo dentro da língua oral do português.

Portanto, a pesquisa é voltada para a construção de uma nova realidade, segundo os moldes da língua oral, definindo e questionando fatores que ocorrem dentro da realidade.

#### O SUJEITO NULO E PREENCHIMENTO DA CASA DO SUJEITO

É difícil encontrarmos definições de sujeito nulo, já que a maioria das gramáticas o conceitua como sujeito oculto, subentendido, elíptico, etc., baseados na Nomenclatura Gramatical Brasileira.

Dentro das definições de sujeito, sua classificação é geralmente dividida em cinco tipos de sujeito são eles: simples, composto, indeterminado, oculto e oração sem sujeito. Pois bem, o sujeito nulo a qual nos referimos, é o chamado oculto na Gramática tradicional.

Às vezes definido de forma vaga, o ‘sujeito oculto’ é aquele que trás o sujeito implícito, e pode ser reconhecido através da terminação do verbo, isto é, através das desinências verbais, sabemos a que ou a quem se refere.

Procuremos analisar o que alguns gramáticos dizem a respeito do sujeito nulo. Peguemos como exemplo os mesmo autores usados para definir o conceito de sujeito.

Celso Cunha (2001, p. 127/128) define o sujeito oculto:

É aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado. A identificação faz-se pela desinência verbal ou pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo.

## MORFOSSINTAXE

O autor faz uma observação a respeito dos verbos que não possuem desinência pessoal, podendo ocorrer assim que o sujeito venha sugerido pela desinência de outro verbo.

Bechara não comenta absolutamente nada em relação à classificação do sujeito, apenas divide orações entre sujeito e predicado e não os classifica.

Na realidade o sujeito nulo só é mencionado pelo autor quando se trata do conteúdo de figuras de sintaxe, especificamente a questão da Elipse, e a define dizendo o seguinte:

Chama-se elipse a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ter depreendido pela situação ou contexto. (2001, p. 592).

Continua:

Não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da “elipse” do sujeito, mas do “acréscimo” de expressão que identifique ou explicita a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante pronomes sujeitos de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural (2001, p. 592).

Em contraposição, voltamos ao conceito dado por Perini (1998, p. 78); o autor postula tais orações como não tendo sujeito, porém é forçado a chamá-lo de “sujeito vazio”, onde as desinências funcionariam como um “sujeito pronominal”. Entretanto para que essa definição seja coerente, precisamos colocar o sujeito como uma categoria sintática, desconsiderando fatores semânticos.

Perini (1998, p. 366/367) diz que não vale a pena postular sujeitos nulos, pois se sujeitos nulos são “sujeitos”, deve-se mudar algumas definições dadas pelas gramáticas, como por exemplo, a definição que diz que “*é o termo que está em relação de concordância com o verbo*”.

Essa definição se refere a um termo explícito e é claro que numa oração com sujeito nulo não haverá nenhum elemento explícito que esteja em relação de concordância com o verbo.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O autor faz a seguinte observação (1998, p. 366) [...] observei que o interesse de se postular os “sujeitos ocultos”, vem da presumida possibilidade de tratá-los da mesma forma que os sujeitos claros.

Continua (1998, p. 367): A única diferença ficaria na explicitação de um e não do outro.

Porém, sintaticamente essa posição não é aceita devido à exigência e restrições de alguns verbos, entretanto, a semântica apóia casos que ocorrem o sujeito oculto, essa é baseada na terminação verbal apoiada na comunicação. Surge aqui uma nova discussão, não seria redundante então o uso do sujeito nas orações já que os verbos dão conta de especificar a quem se referem?

Perini responde (1998, p. 369):

Se apenas considerássemos os interesses da comunicação, diríamos que uma das fontes é dispensável; mas, é claro, a língua tem outras exigências, de modo que o sujeito explícito pode ser dispensado, mas o sufixo verbal não. [...] não é redundante porque, apesar de ter sujeito, este não aparece explicitamente; em outras palavras, temos um sujeito cujo efeito semântico é suprimido em certos casos. A representação da redundância é indireta, e na verdade não terá nada a ver com a estrutura da sentença, mas com um fato à parte, o caráter “oculto” desse sujeito. (Perini. 1998, p. 369)

Portanto, quanto ao sujeito nulo, às gramáticas tradicionais são vagas, o assunto é pouco desenvolvido e de pouca abordagem.

### O PREENCHIMENTO DA CASA DO SUJEITO

Como já vimos o “sujeito nulo” existe dentro da Gramática Tradicional, porém, há uma tendência na Língua Portuguesa, onde se percebe cada vez mais o preenchimento da marca do sujeito.

Tarallo (1989, p. 51) diz: “*Minha hipótese é a de que o sujeito tem, na maioria das circunstâncias, forma preenchida nas orações (...).*”

Dando continuidade a essa hipótese, Tarallo em Fotografias Sociolingüísticas (1989) propôs um estudo em relação ao preenchimento da marca do sujeito. O lingüista trabalhou com menção do

## MORFOSSINTAXE

discurso, tipo de verbo e modalidade de expressão, tendo como variável o Sujeito Pleno e o Sujeito Elidido.

Chegou-se a conclusão através de pesquisa e coletas de dados, que há um alto índice de preenchimento do sujeito.

A tendência do português (brasileiro) é realizar preenchimento da casa do sujeito, fator esse ligado a perda de informação da desinência verbal. Essa perda, seria a troca dos pronomes da 2ª pessoa (*tu* e *vós* pelo *você* (s)) e o uso corrente, principalmente na língua oral, a mudança do *nós* pelo *a gente*.

Para que não haja confusão quanto a que pessoa do discurso o verbo se refere, as pessoas preferem preencher a casa do sujeito.

Segundo Botassini (2002, p. 41):

Atribui-se ao português a característica de língua que prescinde do uso do sujeito pronominal porque as desinências verbais são suficientemente marcadas para indicar o pronome sem que haja a necessidade de explicitá-lo. Entretanto, estudiosos voltados a análise desse tema têm demonstrado uma situação diversa em trabalhos, isto é, têm demonstrado que o português contemporâneo do Brasil tem preenchido casa vez mais a casa do sujeito.

Como já estudamos antes, as variações lingüísticas estão relacionadas a variações sociológicas. Aqui, não seria diferente, a aplicação ou não do preenchimento da casa do sujeito, está condicionada a fatores internos e externos da língua. A autora ainda diz que o sujeito nulo (elidido) é “recuperado” através do contexto ou das desinências verbais.

Segundo a autora (2002, p. 43):

[...] a recuperação dos sujeitos elididos se dá pelo contexto, esse tipo de recuperação exige uma habilidade de perceber as ligações entre elementos lingüísticos estejam eles explícitos ou pressupostos.

Na visão da Gramática tradicional assim como Bechara e Cunha e Cintra, defendem a concepção que o português prescinde do uso do sujeito pronominal, pois a morfologia verbal seria suficiente para indicar a pessoa do discurso, se olharmos por essa visão a utilização do sujeito-pronome valeria apenas em casos de dar ênfase a pessoa do sujeito.

Que é verdade que o sujeito pode ser de certa forma usado para não enfatizar orações é, porém seu uso não fica apenas restrito a essa situação. A autora volta a afirmar o que Tarallo apresenta.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Para finalizar, Botassini (2002, p. 45) diz: Acrescenta que uma explicação plausível para maior preenchimento no português do Brasil pode ser encontrada na flexão verbal, ou melhor, no enfraquecimento da flexão verbal, conseqüência da neutralização da alternância entre singular e plural: ele fala muito / eles fala muito.

Devido à mudança que está ocorrendo dentro da língua em se tratando do uso dos pronomes-sujeito e na redução das desinências verbais, notamos que o sujeito deixa de ser nulo e se torna pleno.

### O USO DO NÓS E DO A GENTE: A TROCA DENTRO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A mudança dos pronomes tem se tornado cada dia algo mais notável dentro da Língua Portuguesa, a forma pronominal tu cedeu lugar ao uso do você, com exceções de alguns estados brasileiros, que tem por costume local usar corretamente as pessoas do discurso.

Assim como o tu, o pronome *nós*, tem cedido espaço para a “expressão pronominal” a *gente*. Notamos seu uso constante dentro da língua oral é comum vermos o a gente representando a primeira pessoa do plural.

Segundo as gramáticas tradicionais não se tem algo de sólido, ora classificam a forma a gente como pronome de tratamento, ora como pronome indefinido ou até mesmo como pronome pessoal.

Sabemos que a gramática tradicional de certa forma condenada a forma, e que seu uso geralmente ocorre na linguagem informal, aboli-la seria missão impossível, contando que seu uso já se consagrou dentro da língua oral.

Na pesquisa é notável o uso do “pronome” a gente no lugar do nós, o uso da expressão é consideravelmente superior, indicando que ao explicitarem o sujeito, o a gente tem tomado cada vez mais espaço dentro da língua oral portuguesa.

## MORFOSSINTAXE

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados notamos uma tendência ao preenchimento da casa do sujeito na fala dos descendentes de pomeranos de Santa Maria de Jetibá.

Estatisticamente, 57,6% das orações aparecem com os sujeitos explícitos e um pouco abaixo, com 42,4% dos casos com sujeitos nulos. O sujeito explícito aparece muitas vezes na menção dos pronomes da primeira pessoa do singular (EU) e na primeira pessoa do plural (NÓS), porém, surge aqui uma curiosidade, prevalece o uso do A GENTE, substituindo o pronome NÓS, geralmente, quando usam a referência do plural.

Verificamos que o número de preenchimento é maior do que a supressão. Quanto ao nível de escolaridade a supressão ocorre exclusivamente na fala dos meninos, parcialmente 50% pertencentes a 8ª série do Ensino Fundamental e 50% da 5ª série do Ensino Fundamental.

Quanto ao fator sexo, o preenchimento da casa do sujeito prevalece na fala das meninas, sendo 83,4% a marca da aparição do sujeito e 16,6% na fala dos meninos. A idade é definida a partir das séries que os alunos pertencem, ficando novamente dividida entre 50% com idade entre 10 e 11 anos e 50% entre 13 e 15 anos.

Além das análises referentes ao preenchimento e supressão da casa do sujeito, é importante ressaltarmos dois outros fatores dentro da língua oral dos descendentes de pomeranos.

O primeiro fator é a falta de uso dos conectivos, as frases são soltas, não usam conectivos, preposições e às vezes nem mesmo o verbo, causando incoerência e dificuldade algumas vezes para que retirássemos os sujeitos da frase.

Ressaltamos que não é o que focaliza a pesquisa, porém é importante citarmos fatores lingüísticos dessa ordem que possa vir influenciar nos resultados da pesquisa.

Outro fator de extrema importância dentro da oralidade dos descendentes é o uso da “expressão pronominal”, *a gente*, que se tornou comum e usual na substituição do pronome nós, seu número de ocorrência é bem maior que o do pronome nós.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Ambos os fatores citados acima se referem a fatores condicionados da língua oral, estão diretamente ligados a fatores extralingüísticos, interferem e influenciam no modo peculiar dos descendentes.

### REFERÊNCIAS

- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *A elipse do sujeito pronominal: uma análise variacionista*. São Paulo: Clara Luz, 2002.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.) *Diversidade lingüística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996.
- CUNHA, Celso, *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FONSECA, Maria Stella V., *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974.
- LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- PERINI, Mario A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1998.
- PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala, um estudo sociolingüístico na Literatura Brasileira*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1974.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2004.
- TARALLO, Fernando. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: UNICAMP, 1989.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2003.
- . *Gramática e interação*. São Paulo: Cortez, 1996.